

## 9 Conclusão

É significativa a importância do espaço de trabalho. Esse não é um espaço de pequena permanência, nem de poucas trocas, mas sim um espaço onde seus ocupantes permanecem no mínimo oito horas, praticamente todos os dias, durante a maior parte do tempo de suas vidas e em atividade constante, física e cognitiva. Por esta razão as empresas têm reconhecido que locais de trabalho com condições ambientais favoráveis, ou seja, que atendam às necessidades de seus trabalhadores aos níveis, fisiológico e simbólico, exercem impactos positivos sobre os mesmos, resultando em melhor desempenho e maior produtividade. Esta realidade enfatiza a importância do processo de concepção desses espaços e das influências que eles exercem sobre os indivíduos.

Dessa forma, ao longo desta pesquisa, foram abordados alguns conceitos com o objetivo de compreender melhor as relações que se estabelecem entre o ambiente construído de trabalho e o seu usuário.

Ao abordar a evolução espacial dos locais de trabalho de escritório percebeu-se que as corporações, através das diversas formas de arranjo físico adotadas, ao longo da história, expressaram sua ideologia de trabalho e certa influência sobre o comportamento do trabalhador. No início do século XX, sob a influência das idéias tayloristas, como meio de reafirmar as diferenças hierárquicas e incentivar a competição, o layout dos espaços de trabalho apresentava uma disposição rígida das mesas de trabalho. Em contrapartida, em meados do século XX, o escritório panorâmico condenou a massificação e a segregação hierárquica preconizadas no taylorismo. O resultado em termos de layout foram uma configuração mais orgânica, distribuição do mobiliário segundo linhas de fluxo e relações de proximidade. Quanto às diferenças hierárquicas, estas continuaram a existir, mas foram amenizadas pelo convívio em um mesmo espaço de chefes e chefiados. E dessa forma foram sendo adotados outros tipos de arranjo ao longo da história. Paralelamente, houve a evolução dos materiais construtivos e de acabamentos visando oferecer espaços de trabalho flexíveis, que pudessem se adequar às novas demandas do mercado sem grandes

transtornos e com agilidade. Sendo assim, pretendeu-se expor que através do arranjo físico do espaço é possível exercer influência sobre o comportamento do trabalhador e isto evidencia a existência de uma interação entre o ambiente construído e o usuário do espaço.

Abordou-se ainda, a forma como se estabelece esta interação. A partir da configuração do ambiente de trabalho, em termos de arranjo físico, mobiliário, cores, presença ou ausência de janelas e quadros, há uma constante emissão de estímulos ambientais. Estes estímulos ao serem percebidos pelo homem exercem efeitos sobre certas variáveis comportamentais, entre elas: a satisfação, a motivação e o desempenho, que podem dificultar ou facilitar a realização das atividades. Dessa forma, para que se promova um local de trabalho agradável, que gere bem estar aos seus trabalhadores e assim uma maior produtividade, é preciso que os estímulos a serem emitidos pelo ambiente estejam adequados às características do tipo de trabalho realizado e às necessidades funcionais e psicológicas dos usuários desse espaço. Deve-se ter uma certa atenção e uma objetividade em relação ao que se deseja dos estímulos do meio de trabalho, pois é a partir da captação deles, em forma de sensações, que se inicia o processo de percepção ambiental. Através da consciência desses estímulos, a decisão é tomada e transformada em comportamento, que irá atuar diretamente sobre o ambiente físico, sobre as demais pessoas que nele se encontram e sobre o trabalho realizado.

Assim, dentre os diversos estímulos ambientais existentes em um espaço de local de trabalho, focou-se na questão da cor nos ambientes de trabalho.

De acordo com o que fora exposto, a cor apresenta uma significativa influência na ambiência geral do espaço. Para Mahnke (1996), a cor é um fator decisivo na determinação de como um espaço particular é percebido pelo homem. Verificou-se que, para que as cores assegurem um efeito favorável a todos os aspectos do trabalho, ou seja, proporcionem boa visibilidade, criem segurança, reflita a imagem da empresa e gere incentivos psicológicos, que estimulem o desempenho, o projeto cromático deve ser elaborado segundo as exigências específicas do local de trabalho. Sendo assim, de acordo com tais exigências, para se obter os efeitos desejados nos ambientes de local de trabalho é necessário que se faça uma interação entre as qualidades da cor e suas características funcionais.

Por ser a cor uma forma de energia, que afeta o funcionamento do corpo, influenciando a mente e as emoções, a resposta humana às cores é total, tanto da

ordem física quanto psicológica. Por essa razão é fundamental que se elabore projetos cromáticos adequados às características de cada local de trabalho. A partir de então, verificou-se que um projeto cromático adequado deve atender as exigências específicas de cada local de trabalho, sendo fundamental uma análise da realidade do trabalho. Assim, para dar maior ênfase às contribuições da Ergonomia Ambiental aos métodos de concepção arquitetônicos destinou-se um capítulo específico a este tema. Verificou-se que a ergonomia ambiental implementa estudos com o objetivo de adaptar as condições ambientais dos locais, onde são executadas as atividades produtivas, às características psicofisiológicas do ser humano. Dessa forma, a ergonomia ambiental, por se preocupar com as questões envolvidas na adequação e usabilidade dos espaços construídos de locais de trabalho, constitui-se uma importante interface com a arquitetura.

Uma vez apresentado o referencial teórico, partiu-se para a pesquisa propriamente dita, ou seja, descreveram-se todos os passos realizados para o desenvolvimento do trabalho, que consistiram na delimitação da pesquisa e nos métodos e técnicas aplicados.

Consciente da importância da adequação de um local de trabalho para o bem estar e melhor produtividade do trabalhador, delimitou-se o problema dessa pesquisa: os projetistas de locais de trabalho em sua formação acadêmica, não possuem uma orientação formal que lhes possibilitem usar um tipo de abordagem centrada na atividade em situação real de trabalho. Sendo assim a hipótese elaborada partiu do pressuposto que os projetistas de locais de trabalho (principalmente os arquitetos) não utilizam uma metodologia, que considere a análise da função do espaço e das atividades nele desempenhadas, para a elaboração de projetos cromáticos a serem implantados nestes ambientes. Dessa forma elaboram projetos cromáticos inadequados às necessidades psicossociais do usuário do espaço considerado.

Na tentativa de confirmar ou refutar a hipótese dessa pesquisa optou-se por realizar uma pesquisa de campo em uma empresa X, que teve seus ambientes de escritório totalmente reformados. Nessa situação pretendeu-se, por um lado, obter da arquiteta, membro da equipe que elaborou o projeto arquitetônico e cromático, informações a respeito do processo de elaboração desses projetos e por outro lado, através de questionários, averiguar a opinião dos usuários-trabalhadores a respeito

dos efeitos das mudanças em seu ambiente de local de trabalho sobre seu desempenho, privacidade, humor, satisfação e motivação. Também foram realizadas entrevistas com profissionais de arquitetura para apreender seu processo de concepção de projetos cromáticos e assim verificar se utilizam ou não um tipo de abordagem centrada na atividade em situações reais de trabalho.

A partir da análise de conteúdo das entrevistas realizadas com os arquitetos foi possível confirmar que os projetistas de locais de trabalho (principalmente os arquitetos) não utilizam uma metodologia que considere a análise da função do espaço e das atividades nele desempenhadas para a elaboração de projetos cromáticos a serem implantados nestes ambientes.

Na realidade, verificou que não é utilizada um tipo de abordagem centrada nas atividades em situação real de trabalho, tanto para a concepção de projetos cromático, quanto arquitetônico (espacial). A impressão que se obteve, a partir das respostas dos entrevistados, é que não há uma metodologia para a elaboração de projetos cromáticos. Praticamente nenhum dos respondentes foi capaz de enumerar objetivamente quais seriam as etapas a serem seguidas para a escolha das cores de um local de trabalho.

Apesar do uso/função do espaço e as atividades serem os fatores mais citados pelos respondentes para a escolha das cores do local de trabalho, nenhum deles mencionou realizar observações do trabalhador durante o desempenho de suas atividades, ou seja, observações da situação real de trabalho para poderem obter um conhecimento profundo acerca da realidade do trabalho. Isto reforça a idéia de que os profissionais de arquitetura não verificam os pormenores da realidade de trabalho, para elaborarem projetos cromáticos que sejam adequados às características da tarefa e dos usuários. Constatou-se que os profissionais consideram que as conversas informais com os usuários do espaço são suficientes para obterem os dados necessário à elaboração do projeto, não sendo necessárias observações sistemáticas do trabalhador executando seu trabalho.

Comparando as respostas dos entrevistados com as do arquiteto consultor em cor evidenciou-se uma significativa diferença no processo de coleta de dados para o projeto arquitetônico e cromático do local de trabalho. O arquiteto consultor em cor, relatou ter o hábito, ao realizar um projeto, ir de funcionário a funcionário e ver como ele trabalha. Ainda acrescentou, que isto é uma característica da Ergonomia, você conhecer a tarefa do trabalhador.

A partir do cruzamento das respostas das questões relacionadas à Ergonomia, pôde-se ir além, e apreender a superficialidade do conhecimento dos profissionais de arquitetura acerca do que seja ergonomia e seus conceitos básicos. A maioria dos profissionais entrevistados, acha que a ergonomia está relacionada a medidas e ao estarem especificando medidas e alturas de mobiliário, julgam estar aplicando a ergonomia em seus projetos de ambientes de locais de trabalho. Não houve relatos em que fossem mencionados de uma maneira formal os dois elementos fundamentais da ergonomia: o usuário, com suas características humanas no desenvolvimento de suas atividades e as tarefas realizadas.

A maioria dos arquitetos entrevistados reconheceu a deficiência de sua formação, quanto aos procedimentos metodológicos eficientes em coletar informações de ordem física, quantitativa e qualitativa. Por isso mesmo, ao longo de sua atividade profissional, ao tentarem suprir esta carência, apropriam-se de forma inconsciente de certos métodos e técnicas da pesquisa ergonômica, acarretando na aplicação intuitiva destes métodos. As observações não chegam a ser sistemáticas e as entrevistas não são realizadas de forma estruturada, até mesmo o tempo despendido para esta coleta é curto, sendo apenas de uma manhã, ou tarde, ou um dia, conforme o relato dos entrevistados.

No entanto, alguns destes profissionais de arquitetura não consideram que a solução para este problema esteja em delegar a coleta de dados a uma equipe de profissionais, que apliquem de forma sistemática a metodologia ergonômica. Consideram que é fundamental uma melhoria na formação do arquiteto, para que ele adquira o conhecimento formal a respeito destas técnicas e que seja capaz, tanto de aplicá-las, quanto de interpretar os dados obtidos a partir da sua aplicação.

Conclui-se que pelo fato dos arquitetos participantes da pesquisa não terem um conhecimento formal da metodologia de pesquisa ergonômica, não possuem a capacidade de fazer o uso pleno das suas ferramentas de coleta de dados e dessa forma, obtém dados e informações superficiais acerca da realidade do trabalho, para onde irão desenvolver projetos de locais de trabalho.

Através do estudo de campo realizado na empresa X, pretendeu-se verificar se um projeto cromático elaborado sem a aplicação de métodos e técnicas de análise da função do espaço e das atividades se adequaria às necessidades psicossociais dos trabalhadores.

O projeto cromático elaborado para os ambientes de escritório da empresa X, segundo a entrevista com a arquiteta, não teve uma forma metódica para a escolha das cores. O principal fator que influenciou essa escolha foi a cor azul da logomarca da empresa. A partir desse dado foi especificado um modelo de carpete e as demais cores foram escolhidas para combinarem com ele. Assim, a arquiteta não levou em consideração qualquer aspecto referente ao tipo de tarefa realizada e as características dos usuários do espaço.

No entanto, de acordo com o resultado dos questionários aplicados aos usuários-trabalhadores, constatou-se que a influência das cores sobre a motivação ou o desempenho não foi percebida de forma tão clara, quanto a influência do layout. A maioria das pessoas escolheu uma opção neutra (não concordo nem discordo) para expressar sua opinião quanto à ação da cor sobre seu comportamento.

Estes dados vão ao encontro dos estudos realizados por Stone (1998, 2001, 2003) em que também, não foram observados efeitos da cor sobre algumas variáveis comportamentais. Mas a mesma autora, ressalva que os efeitos específicos dos estímulos cromáticos, ainda não são precisos e claros, sendo necessário novos estudos e pesquisas.

Este resultado pode ser atribuído às demais mudanças ocorridas no local de trabalho, sendo a alteração do arranjo físico, considerada como a mais significativa pelos trabalhadores, devido à elevação no nível de ruído, distrações visuais e menor privacidade. A mudança no arranjo físico envolveu alterações e adaptações na forma como as pessoas estavam acostumadas a trabalhar. Dessa maneira, como as características do ambiente estão exercendo efeitos sobre as variáveis comportamentais e dificultando a realização das atividades, é necessário que haja uma mudança comportamental, ou seja, que as pessoas diminuam seu tom de voz e acostumem-se a trabalhar cercado pelos colegas de trabalho. Este contexto explicita a estreita relação entre o comportamento humano e o ambiente no qual o homem está inserido, ratificando a importância de se observar e registrar como o usuário do ambiente o percebe e o experiencia. Em outras palavras, compreender de que forma o ambiente construído influencia o comportamento do usuário, mas também, como este se molda àquele ambiente, modificando-o ou não, no decorrer de seu uso, originando assim um novo padrão de ambiente construído ou de comportamento.

Esta realidade tem tornado alguns trabalhadores menos satisfeitos e motivados, ocasionando um certo declínio na sua produtividade. Porém, a arquiteta, por não ter realizado uma avaliação da opinião dos usuários quanto ao uso do novo espaço, não considera (e nem sabe) que existem aspectos negativos do ambiente exercendo efeitos sobre os trabalhadores.

As cores, pelo contrário, exerceram um impacto positivo sobre a aparência geral do ambiente de trabalho, que antes da reforma, era considerado desagradável pela maioria dos trabalhadores. Dessa forma os possíveis efeitos das cores sobre o comportamento não puderam ser percebidos tão claramente. Mas este fato, não desmerece a importância das cores. Como foi visto no referencial teórico, o papel funcional da cor é fundamental em ambientes de locais de trabalho, se seus efeitos não podem ser percebidos de maneira consciente, certamente de forma inconsciente há uma ação sobre o bem estar das pessoas.

## 9.1 Recomendações

As recomendações propostas visam atingir o objetivo geral dessa pesquisa, que é a melhoria das condições ambientais dos locais de trabalho de escritório, a partir da aplicação de cores que sejam adequadas às exigências da tarefa e aos aspectos fisiológico e psicológico dos usuários que vivenciam o espaço. Sendo assim, recomenda-se que:

*Em relação à Ergonomia:*

- Que a ergonomia faça parte do processo de formação do profissional em arquitetura, que ela seja incorporada como uma ferramenta de intervenção e projeto. A ergonomia pode contribuir em projetos de espaços de trabalho desde o início do processo de concepção, intermediando as partes envolvidas e suas necessidades primárias, permitindo uma interação entre os projetistas e o usuário-trabalhador, que deveria sempre participar desse tipo de decisão.

No momento da elaboração do programa de necessidades a ser atendido pelo projeto, a ergonomia contribui aportando subsídios (qualitativos e quantitativos) sobre a organização do trabalho, o trabalho real e o trabalho futuro, proveniente de experiências anteriores e de seus métodos de análise.

Na fase de concepção do projeto, a ergonomia a partir de seus métodos e técnicas de intervenção projetual podem valorizar as soluções arquitetônicas e de

design, trazendo soluções apoiadas em suas especialidades – Ergonomia do Ambiente Construído, Cognitiva, Informacional e mais recentemente IHC (Interação Humano-Computador).

Todas essas possibilidades efetivas de melhorias que a ergonomia pode trazer para o projeto de um espaço de trabalho, está focado no trabalhador e na compreensão dos sistemas de trabalho onde ele é inserido. O projeto ergonômico é o projeto centrado no usuário.

- Oferecer a disciplina de ergonomia nos cursos de arquitetura é uma ação que atingirá os profissionais em formação, no entanto é preciso promover medidas que abarquem os profissionais que estão no mercado exercendo a prática da profissão. Recomenda-se uma maior divulgação e criação de novos cursos de especialização em ergonomia nas faculdades de arquitetura, promoção de cursos de extensão e palestras que divulguem os conceitos ergonômicos e as contribuições da ergonomia aos processos de concepção de espaços. Em outras palavras, promover ações que despertem a curiosidade e o interesse dos arquitetos em agregar valores e conhecimentos ergonômicos à sua formação.

*Em relação à concepção de projetos cromáticos para ambientes:*

- É preciso intervir também, na formação do arquiteto. Nos cursos de arquitetura deve ser dada mais ênfase às cores e ao seu uso. Na realidade se observa que boa parte dos profissionais, por não terem segurança dos efeitos que as cores podem produzir, são receosos em aplicá-las em seus projetos. Recomenda-se que abordagens acerca das qualidades da cor, da sinestesia cromática, do papel funcional da cor nos ambientes sejam incorporadas à disciplina relacionada à concepção de espaços interiores.

- Pelo fato da escolha das cores está vinculada à concepção do projeto arquitetônico é difícil identificar etapas que constituam o desenvolvimento do projeto cromático. No entanto recomenda-se que haja diretrizes que orientem a concepção do projeto cromático para locais de trabalho:

1. Levantamento de dados acerca do uso do espaço e das características do tipo de atividade realizada;

2. Levantamento de dados acerca das características dos usuários:
  - sexo das pessoas que farão uso do espaço;
  - faixa etária dos usuários;
  - tempo de permanência no espaço;
  - fatores cultural e religioso dos usuários;
3. Levantamento de dados do ambiente físico:
  - qual o simbolismo desejado para o ambiente, ou seja, que efeitos psicológicos as cores devem incitar (acalmar, revigorar, descontraír, induzir à concentração,...);
  - nível de iluminação interior e nível de iluminação natural;
  - fatores climáticos;
  - qual a condição econômica e social da localização do projeto e dos usuários;
  - cores padrões da empresa;

Para este levantamento considera-se importante uma maior incorporação dos métodos ergonômicos às usuais metodologias de concepção arquitetônica. Recomenda-se que sejam aplicados os métodos e técnicas de pesquisa ergonômica, tais como observações assistemáticas e sistemáticas, entrevistas e/ou aplicação de questionários com os usuários do espaço, indo do nível hierárquico mais alto até o trabalhador que permanecerá no espaço de trabalho. Aplicação de métodos de análise da tarefa, para se obter um conhecimento pormenorizado das atividades. Para isso é preciso destinar um tempo maior para a coleta de dados, que permitirá obter subsídios mais consistentes para a concepção do projeto.

4. A escolha das cores deve estar de acordo com alguns fatores do trabalho (capítulo 5), sendo eles: fatores de conforto, fatores de produtividade /desempenho, fatores de fadiga, fatores de segurança.
5. A escolha das cores deve ser feita segundo suas qualidades e características funcionais, que mais se adequem às exigências levantadas na coleta de dados.

## 9.2 Desdobramentos da pesquisa

No campo da pesquisa científica jamais a discussão sobre um tema se esgotará. São vários os enfoques que podem ser dados e um estudo realizado sempre abre espaço para o desdobramento de novos trabalhos.

A concepção de projetos de ambientes construídos é uma questão que vem sendo tema de algumas pesquisas realizadas por arquitetos (Almeida (2001)<sup>i</sup>, Reis (2003)<sup>ii</sup>, Ribeiro (2004)<sup>iii</sup>, entre outros.). Entretanto o estudo da cor, com o enfoque apresentado neste trabalho, é um tema que tem iniciado suas discussões e por isso mesmo um campo de amplas possibilidades de novos estudos.

Dessa forma, propõem-se alguns desdobramentos:

- Pesquisas de campo em ambientes de locais de trabalho de escritório onde se possa intervir diretamente apenas nas cores do ambiente e tentar avaliar as reações humanas. Uma tentativa de identificar elementos visuais, composições cromáticas, que eventualmente possam a vir influenciar na qualidade ambiental e na qualidade do trabalho realizado.

- Pesquisas de campo em ambientes de locais de trabalho de escritório que procurem conhecer as reações humanas diante da adoção de uma composição cromática voltada ao simbolismo e ideais corporativos, ou seja, como a empresa pode evidenciar sua ideologia através das cores dos ambientes.

- Realizar estudos sobre como o comportamento humano pode ser afetado por uma exposição cromática em outros ambientes construídos, tais como: ambientes de saúde, ambientes de ensino, ambientes de lazer, entre outros.

## 9.3 Lições aprendidas

“ O aluno que está fazendo tese pensa que a sua dor é única e que ninguém passou, está passando ou passará por aquilo. Aqui, o inferno é nosso, imaginamos! Mas é maravilhoso encontrarmos alguém para confabular sobre a nossa exclusiva “infelicidade” e descobrimos que o outro está no mesmo caldeirão quente. A partir desta hora, temos um código comum: “estamos fazendo tese”. (...)”

Acreditamos, e penso que é verdade em boa medida, que toda tese deixa uma marca na alma de seu autor que só pode ser decifrada por alguém que tem uma parecida. Se você tenta explicar o que é fazer uma tese para um leigo nesse aspecto, haja paciência de Jó, pois se o ouvinte estiver mesmo interessado é quase certo que ouvirá algumas perguntas indesejadas: “ Isso vai servir pra quê? Por que você vai gastar esse tempo todo se isso não vai dar dinheiro? Faz alguma diferença para o mundo se você fizer isso?” por aí vai... A gente tem sempre a sensação de que precisa legitimar o nosso interesse, a importância do nosso objeto e, pior, legitimar a nossa dor. Somos acusados de exagerados, melodramáticos, masoquistas, carentes dissimulados, o que às vezes também é verdade!”(Bianchett, 2002)<sup>iv</sup>

Ao receber este texto em uma das aulas, na época em que ainda cursava os créditos das disciplinas do mestrado, lembro que todos na sala, durante a leitura, viam-se nas situações ali descritas. Realmente, durante quase dois anos, me enquadrei na categoria dos “fazedores de tese” e vivi as angústias e alegrias que uma pesquisa científica é capaz de proporcionar ao seu autor!

A primeira angústia vivida foi a delimitação da pesquisa. Levei um longo tempo para poder entender e conseguir definir de forma clara e objetiva o meu problema, elaborar a hipótese e estabelecer os métodos e técnicas que me auxiliariam na confirmação ou refutação da hipótese da pesquisa.

Vencida esta etapa, iniciei a pesquisa propriamente dita, começando pelo levantamento do referencial teórico! Confesso a vocês que foi árdua a tarefa de reunir bibliografias a respeito da cor, principalmente de suas aplicações nos ambientes de interiores! A maior parte do material disponível é bastante antiga. Recorri então, às pesquisas na internet e encontrei algumas dissertações que abordavam o tema das cores, umas no estado do Rio de Janeiro, outras em São Paulo e em Santa Catarina. Com muita persistência consegui entrar em contato com os autores, todos foram atenciosos e parceiros (talvez por termos aquele código em comum: estamos/ou fizemos uma tese). Consegui obter uma cópia de cada uma das dissertações e até mesmo de alguns livros estrangeiros, não encontrados aqui no Brasil! Um dos contatos que me surpreendeu, foi com a Prof<sup>a</sup> Nancy J. Stone, integrante do quadro de professores do Departamento de Psicologia, da Universidade de Creighton, Omaha, Nebraska, U.S.A. Entrei em contato com a professora, através de seu e-mail que constava nos artigos

encontrados. Nancy respondeu a todas as minhas mensagens e forneceu-me um modelo de questionário para avaliar o humor, a satisfação e a motivação dos usuários dos espaços de trabalho em relação à cor dos ambientes. Agradeço a cada um desses colegas que prontamente me ajudaram!

E a pesquisa de campo? Onde poderia encontrar um ambiente de local de trabalho de escritório que tivesse tido suas cores alteradas? Mais uma vez, a internet me ajudou!!! Depois de uma longa procura, consegui entrar em contato com uma consultora em cores, que me forneceu os dados de uma empresa no Rio de Janeiro, em que havia realizado este tipo de trabalho. Entrei em contato com a empresa e agendamos um encontro. Ao expor a minha pesquisa e seus objetivos aos engenheiros que me receberam, fui convidada a realizar o meu trabalho nas edificações da sede da empresa, em São Paulo, que estava passando por um processo de reforma geral, espacial e cromático. Este era o local que eu procurava, mas a dificuldade aumentava ainda mais! Eu, que morava em Juiz de Fora e já ia duas vezes por semana ao Rio de Janeiro para cursar os créditos, agora teria que fazer a minha pesquisa de campo em São Paulo (numa capital que nunca havia ido sozinha antes)!!! Determinada, fui em frente, mais uma vez, fui muito bem recebida por todos em São Paulo. Realizei duas visitas à empresa, a primeira, em que foi feito o contato inicial e a segunda em que permaneci três dias em São Paulo. Recebi toda a atenção e assistência necessária para a realização da coleta de dados (aplicação de questionários, registros fotográficos, medições físicas de iluminação e ruído). Reconheço que tive sorte em contatar uma empresa que se colocasse tão acessível à realização de um estudo de campo e também agradeço a todos que contribuíram com este resultado!

Em relação aos arquitetos, inicialmente pretendia aplicar um questionário para apreender o processo de concepção do projeto cromático e seus conhecimentos sobre ergonomia, mas depois de algumas reuniões com a minha orientadora, concluímos que através de entrevistas as informações coletadas seriam mais ricas! Bem, a intenção foi ótima, mas o trabalho em dobro! Primeiro, contatar 15 arquitetos que estivessem dispostos a participar da pesquisa, esta etapa na verdade me surpreendeu, achava que seria bem mais difícil, mas meus colegas de profissão foram solícitos e em uma semana consegui realizar todas as entrevistas. Partir agora para as transcrições, confesso que tentei desempenhar esta tarefa, mas me exigiu um tempo que não podia despende, assim uma estudante de

letras realizou o trabalho de transcrição para mim! E a análise de conteúdo? Preparar o material para a análise, que ficou com quase 100 páginas, determinar os índices e montar as tabelas com as respostas, achei que nunca iria terminar esta etapa, foram longos dias!!! Mas acho que todo pesquisador, quando vê os resultados finais, tem a certeza de que todo o esforço valeu a pena! Consegui obter informações muito mais consistentes e interessantes a respeito do tema em questão.

Com todos os dados em mãos é chegada a hora da análise dos resultados, pode parecer tarefa simples, mas de posse de tantas informações que irão comprovar ou refutar a hipótese da sua pesquisa, não foi algo tão fácil assim! Cruzar os dados, criar os gráficos que melhor representassem os resultados e analisar cada uma das questões foi uma etapa que exigiu grande concentração!

E por fim a conclusão! Para muitos é a etapa mais fácil, o trabalho está pronto é só concluir, ouvi de muitos que não compreendiam a minha ansiedade. Não é tão fácil assim, afinal é o grande desfecho de um trabalho que exigiu praticamente dois anos de grande dedicação! É uma parte que deve refletir todo o cuidado que se teve na elaboração de cada um dos capítulos e apresentar de uma forma geral, mas não menos interessante, no que consiste todo o trabalho realizado!

Não poderia esquecer de comentar sobre a relação orientando e orientador, para muitos uma relação de amor e ódio. Para mim, no entanto, uma escolha e um encontro feliz, durante este percurso, sempre pude contar com uma pessoa amiga, firme e que me conduziu com primazia pelos caminhos incertos da pesquisa científica.

Cheguei até aqui e é imensa a felicidade que sinto por ter cumprido este desafio! Na alma fica a marca e a experiência de que para se alcançar um objetivo é preciso dedicação, perseverança, renúncias e a certeza de que você é capaz de chegar lá! Este trabalho não teve a pretensão de ser um estudo inédito, mas sentirei meu esforço reconhecido, se ele for capaz de contribuir de alguma forma para a melhoria dos processos de concepção de locais de trabalho e conseqüentemente melhoria da qualidade ambiental destes espaços!

---

<sup>i</sup> ALMEIDA, Maristela Moraes de. **Da experiência ambiental ao projeto arquitetônico: um estudo sobre o caminho do conhecimento na arquitetura.** Florianópolis, 2001. Tese de Doutorado - UFSC.

<sup>ii</sup> REIS, T. **Contribuição da Ergonomia nos processos de concepção de espaços de trabalho.** Dissertação de Mestrado, Departamento de Artes e Design. PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2003.

<sup>iii</sup> RIBEIRO, L. G. **Ergonomia no ambiente construído – um estudo de caso em aeroportos.** Dissertação (mestrado) – Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Artes e Design, 2004.

<sup>iv</sup> BIANCHETT, L., MACHADO, A.M. (Org.) **Viver a tese é preciso. In: Bússula do escrever – desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações.** São Paulo: Ed. Cortez, 2002.